

EDUCAÇÃO SUPERIOR E CAPITAL: QUAIS INFLUÊNCIAS? QUAIS CONSEQUÊNCIAS?**EDUCACIÓN SUPERIOR Y CAPITAL: ¿QUÉ INFLUENCIAS? ¿QUÉ CONSECUENCIAS?****HIGHER EDUCATION AND CAPITAL: WHAT INFLUENCES? WHAT CONSEQUENCES?**Andreliza Cristina Souza¹

Resumo: Este ensaio tem por objetivo subsidiar as reflexões sobre a relação existente entre capital, trabalho e educação superior. As questões fundamentais que norteiam a discussão são: qual o papel que a educação superior tem representado no atual contexto da sociedade capitalista? Como é possível pensar uma educação superior para além dos interesses do capital? Na primeira parte do trabalho fazemos uma discussão sobre a educação superior no contexto da sociedade capitalista, em seguida realizamos alguns apontamentos sobre como é possível pensar em uma educação para além dos interesses do capital. Entendemos que o advento do capitalismo e da sociedade de classes atribuiu novos sentidos à educação, sendo que a educação superior se tornou o espaço onde a cultura e os conhecimentos são transmitidos conforme as necessidades produtivas, mantendo e alimentando o sistema capitalista. É nesse contexto contraditório das relações sociais que pretendemos estabelecer uma breve reflexão sobre o tema.

Palavras-chave: Educação superior. Trabalho. Capital.

Resumen: Este ensayo tiene por objeto subvencionar reflexiones sobre la relación entre el capital, el trabajo y la educación superior. Las preguntas fundamentales que guían la discusión son: el papel que la educación superior se ha representado en el contexto actual de la sociedad capitalista? ¿Cómo se puede pensar en una educación superior más allá de los intereses del capital? En la primera parte del trabajo que hacemos un debate sobre la educación superior en el contexto de la sociedad capitalista, a continuación, realizamos algunas sugerencias sobre cómo se puede pensar en una educación más allá de los intereses del capital. Creemos que el advenimiento del capitalismo y la sociedad de clases dio un nuevo significado a la educación, y la educación superior se ha convertido en el espacio donde la cultura y los conocimientos se transmiten de acuerdo a las necesidades de producción, mantenimiento y alimentación del sistema capitalista. Es en este contexto contradictorio de las relaciones sociales tenemos la intención de hacer una breve reflexión sobre el tema.

Palabras-clave: Educación universitaria. Trabajo. Capital.

Abstract: This work consists of an essay that aims to subsidize reflections on the relationship between capital, labour and higher education. Some central questions guide the discussion: what role higher education has played in the current context of capitalist society? How we can think of a higher education beyond the interests of capital? In the first part of the work we do a discussion on higher education in the context of capitalist society, following we conducted several workshop handouts over how it is possible think of an education beyond the interests of capital. We believe that the advent of capitalism and class society gave new meanings to education and higher education has become the space where culture and knowledge are transmitted according to production needs, keeping and feeding the capitalist system. It is in this contradictory context in social relations that we want to do a brief reflection on the topic.

Keywords: Higher education. Labour. Capital.

Introdução

Este texto tem por objetivo subsidiar as reflexões sobre a relação existente entre capital, trabalho e educação superior. Desde os estudos propostos por Karl Marx em suas obras fica clara a

natureza incontrolável do capital, hoje em níveis não imaginados nem por Marx. Entendemos que a superação do capital é condição indispensável para que o trabalho se liberte da relação de dependência do capital (MÉSZÁROS, 2002) e que a educação possa realizar seu objetivo primeiro, a emancipação política em prol da emancipação humana.

O panorama mundial de transformações afetam os mais diversos campos da sociedade, e a educação superior não pode se furtar ao debate sobre tais mudanças, visto que é diretamente influenciada e conclamada pelo sistema para a produção de conhecimento e a formação de recursos humanos que atendam as demandas do capital. Essa alteração no foco das finalidades da educação representa um desafio para todos os envolvidos nesse processo, especialmente para aqueles que estão preocupados com os rumos que a sociedade vem tomando.

Não é novidade que a educação superior brasileira vem passando por profundas transformações impulsionadas pelas políticas neoliberais e pelo crescimento desenfreado do capital. Assim, torna-se necessário analisar e questionar a forma como o capital e as políticas neoliberais vêm redefinindo o papel da educação superior para um viés de produtividade e competitividade.

É preciso, então, pensar a educação dentro de uma relação direta com o trabalho no que diz respeito aos seus aspectos ontológicos. Depreendemos que, conforme Karl Marx (1996), os homens são educados e produzem sua própria existência por meio do processo de trabalho. Ou seja, o homem produz sua essência *pele* trabalho. No entanto, o advento do capitalismo e da sociedade de classes atribuiu novos sentidos à educação, sendo que a educação superior se tornou o espaço onde a cultura e os conhecimentos são transmitidos conforme as necessidades produtivas, mantendo e alimentando o sistema capitalista. E é nesse contexto contraditório das relações sociais que será estabelecida uma breve reflexão sobre o tema.

Para nortear as discussões este texto parte dos pressupostos de Catani (2011), Dias Sobrinho (2014), Mézszáros (2008), Silva Júnior e Pimenta (2014), Marx (1996), Tumolo (2005), Sérgio Lessa (1996) e Tonet (2012). Para tanto, algumas questões norteiam a discussão: qual o papel que a educação superior tem representado no atual contexto da sociedade capitalista? Como é possível pensar uma educação superior para além dos interesses do capital? Sendo assim, na primeira parte do texto propomos uma discussão sobre a educação superior no contexto da sociedade capitalista, em seguida, são realizados alguns apontamentos sobre como é possível pensar em uma educação para além dos interesses do capital. Entendemos que existem muitos trabalhos e muitas perspectivas para se discutir o tema, sendo este trabalho mais uma possibilidade para se pensar a emancipação humana.

Influências do capital na educação superior

Para dar início à discussão pressupomos que o trabalho é uma mediação entre homem-natureza, é uma categoria mediadora, uma vez que é o trabalho que distingue o homem dos demais animais. Apenas ele, o homem, é capaz de projetar e executar uma tarefa, sendo o resultado dessa tarefa aquilo que havia sido planejado anteriormente. “No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente” (MARX, 1996, p. 298).

Essa atividade consciente e livre é de caráter genérico do homem, assim, quando o homem age livremente para satisfazer uma necessidade se fala no homem enquanto ser social (LESSA, 1996). A atividade do homem, o trabalho, tem como foco a satisfação das necessidades biológicas. Isso o faz sair da condição de animalidade e entrar na vida social, “antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza” (MARX, 1996, p. 297).

Lessa (1996, p. 4) aponta que esses atos de trabalho só podem ser desenvolvidos no interior das relações sociais e mediadas pela linguagem, assim, o ser social é um todo complexo, constituído pela “sociabilidade, linguagem e trabalho”. Contudo, cabe ao trabalho o desenvolvimento do mundo dos homens, uma vez que “é nele que se produz o novo que impulsiona a humanidade a patamares sempre superiores de sociabilidade” (LESSA, 1996, p. 4).

Lessa explica que, para Lukács, “ao transformar a natureza, o indivíduo também se transforma” (LESSA, 1996, p. 4), assim, toda ação humana individual ensina os homens a realizar uma atividade de determinada forma e isso transforma a realidade social de todos. Em outras palavras, o desenvolvimento individual transforma a realidade dos homens e a sociabilidade transforma a realidade individual de cada homem. Nessa perspectiva, o trabalho é a satisfação das necessidades, é a produção da vida material.

Entendendo que essas necessidades são históricas e que se modificam ao longo do tempo, é preciso compreender que as relações sociais estabelecidas para a produção da vida também se modificam, uma vez que essas relações estruturais evidenciam como as outras condições da vida social se organizam. Entendemos, então, que o trabalho, enquanto categoria fundante, é o complexo que cumpre a função social de realizar o intercâmbio material do homem com a natureza, é o conjunto de relações sociais encarregado da reprodução da base material da sociedade.

Nesse sentido, pensemos então na valorização e aumento da produtividade no trabalho imposta pelo capital. Isso não é algo natural. O aumento da produtividade nesse modelo de sociedade em que vivemos é exigido pelo sistema e não está atrelado ao pleno desenvolvimento humano. Contudo, isso traz como consequência o aumento da exploração do trabalho do homem, pois coloca novas necessidades onde antes não haviam (SILVA JÚNIOR; PIMENTA, 2014). Assim, são necessárias novas formas para satisfazer estas novas necessidades.

Nesse íterim, do surgimento de novas necessidades impulsionadas pelo capital, localizamos a educação superior, que hoje representa algo para além da produção de novos conhecimentos para satisfazer as necessidades humanas, levando o homem ao reino da liberdade. A educação superior hoje está voltada à formação para o trabalho. Mas não qualquer trabalho e sim aquele que o capital dita como necessário para a produção de mais riqueza para os detentores dos meios de produção. Catani (2011, p. 154) assevera que “tal sistema se apoia na separação entre capital e trabalho, constituindo-se a educação em mercadoria preciosa, capaz de ‘ordenar o mundo’ a partir do ponto de vista dos poderosos”. Na fala de Mészáros (2008, p. 25), essa fala se reafirma, “poucos negariam hoje que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados”.

Para que possamos entender o processo de adaptação da educação, que visa atender as necessidades do mercado, precisamos compreender o que é educação superior. Essa compreensão é social e historicamente construída, portanto, não é uma definição única e imutável.

Na realidade brasileira a educação superior está atrelada a diferentes modelos institucionais, sendo que no contexto da Reforma Universitária de 1968 a educação superior era realizada nas universidades, em instituições onde se realizavam o ensino e a pesquisa. Na Constituição Federal de 1988 ficou definido que universidade é a instituição que realiza o ensino, a pesquisa e a extensão. Já a Lei de Diretrizes e Bases, promulgada em 1996, definiu que a educação superior pode ser realizada em instituições que ofereçam somente o ensino.

É possível observar então que a partir da década de 1990, com a nova LDB e outras legislações específicas, o Estado brasileiro passou a atender as demandas do capital de maneira mais incisiva e efetiva, consolidando “os propósitos dos organismos internacionais, de modo que os sistemas de ensino devam se tornar mais diversificados e flexíveis, objetivando maior competitividade” (PECIAR, 2009, p. 12).

Nesse contexto social, a educação superior é afetada pelas mudanças ocasionadas pelo capital, sendo transformada em mercadoria, com alto valor agregado e intensa procura entre as classes que estão mais no topo da pirâmide social e uma tímida procura pelas classes com menor poder econômico. Assim como a mercadoria, a educação vem realizar não somente suas finalidades iniciais, de formação humana, produção e divulgação do conhecimento, mas supre também novas necessidades construídas socialmente.

Hoje, a educação superior é moeda de barganha no mercado de trabalho, quem possui ensino superior tem mais chances, mas isso não é fundamental para obtenção de emprego. “O novo paradigma imposto pela economia do conhecimento incita a educação superior a transformar-se radicalmente, sob o império do mercado, como se isso fosse uma necessidade inexorável da competitividade no capitalismo globalizado” (DIAS SOBRINHO, 2014, p. 650).

A educação superior transformada em mercadoria também se manifesta na privatização da educação que para Tonet (2012) se revela em dois aspectos centrais, um deles é o aumento do setor privado na educação superior, em segundo lugar, pelo caráter eminentemente mercantil da educação.

Como afirma Silva Júnior e Pimenta (2014, p. 31) “a educação superior localiza-se na indústria de serviços que mais tem se expandido entre os demais setores da economia”. Os autores contextualizam que essa *indústria* se localiza no setor privado, contudo essa lógica não deixa de ser percebida em todas as instituições de ensino superior (IES), uma vez que a lógica capitalista invadiu também as instituições públicas com o *accountability*, processos avaliativos que visam à qualidade/excelência, maior produtividade docente e ranqueamento de instituições.

Silva Júnior e Pimenta (2014, p. 34) destacam que esse “ranqueamento também é induzido pelas políticas de Estado, orientadas pelas vicissitudes do mercado mundial de capitais”. Na perspectiva de Dias Sobrinho (2014, p. 648) “o mundo da ciência agora busca tornar-se bastante visível às organizações econômicas, aos decisores políticos, aos operadores dos sistemas de avaliação e financiamento e ao público em geral”.

Nesse mesmo sentido, Tonet (2012) vem complementar que as influências do capital se manifestam no setor público da educação superior em muitas direções, dentre elas na redução dos recursos financeiros enviados às universidades, o que gera o sucateamento da educação superior pública, nas parcerias entre as universidades e empresas privadas na realização de pesquisas e produção de conhecimento, nas gratificações financeiras destinadas aos servidores, na importação de instrumentos de gestão empresarial para dentro da universidade, reduzindo, assim, a autonomia universitária, na flexibilização dos regimes de trabalho, diminuição do quadro docente e administrativo, gerando o aumento na carga horária de trabalho, na suspensão de concursos públicos e na contratação de professores substitutos. Para o autor “tudo isto tem como consequência o rebaixamento geral do sistema universitário público e a imposição da lógica empresarial à educação pública” (TONET, 2012, p. 88). Para o autor, a intenção dos governos é de “garantir alguns estabelecimentos chamados de ‘Centros de Excelência’, onde seria produzida a ciência, reservando aos restantes apenas o papel de transmissores do conhecimento” (TONET, 2012, p. 88).

Esse movimento tem como mais uma consequência a supervalorização de determinadas áreas do conhecimento, as chamadas *áreas estratégicas* por organismos governamentais, com maiores investimentos nessas áreas em detrimento de outras, atendendo as demandas impostas pelo capital.

A consequência central é a predominância de uma epistemologia, de uma forma de produção de conhecimento, das áreas mais aquinhoadas na academia; fato que muda profundamente a institucionalidade das universidades e dos institutos federais no país. O espaço do debate, da crítica e da dúvida tende ao fenecimento. A formação de profissionais em geral, de professores, de gestores educacionais, de pesquisadores, da metodologia e das relações em sala de aula são permeadas pela racionalidade da produção capitalista. É a este complexo processo que há anos e em muitos livros e relatórios temos chamado “mercantilização da educação pública” ou a “mercantilização da esfera pública do aparelho de Estado” (SILVA JÚNIOR; PIMENTA, 2014, p. 34).

Há uma tendência nacional em direcionar os investimentos para as *áreas estratégicas* (SILVA JÚNIOR; PIMENTA, 2014) de forma a atender às novas necessidades do capital, onde o trabalho é cada vez mais fragmentado e esvaziado de sentido para o trabalhador. Para Tonet (2012, p. 93) “trata-se de uma clara política de destruição da universidade pública e gratuita, pois isto, para o capital, é uma necessidade absoluta para a defesa dos seus interesses”.

Essa discussão evidencia o papel fundamental que o trabalho exerce no processo de formação do homem e que as transformações sociais, as mudanças na estrutura da sociedade impulsionadas pelo capitalismo desenfreado alteram as necessidades sociais e são sentidas de forma impactante pela população. E a educação ocupa papel fundamental nessa discussão,

seja na criação das novas sociabilidades, seja na formação da nova força de trabalho e na fantástica criação de novas bases organizacionais e tecnológicas, exigindo as inovações científicas e tecnológicas de toda ordem que se tornam paradigma para pedagogias educacionais no mundo todo (SILVA JÚNIOR; PIMENTA, 2014, p. 38-39).

Para Paviani (1984) o fato de a educação superior estar voltada às necessidades do capital abarca outros elementos para além das políticas públicas. A cultura do individualismo imposta pelo sistema capitalista exerce forte influência para a crise do ensino superior. Para Paviani (1984, p. 103) “o não

reconhecimento da função social da educação superior é apenas reflexo de não se reconhecer a função social das profissões de nível superior”.

Nesse contexto neoliberal as profissões são mais uma forma de realização individual, econômica, fonte prestígio e caminho para elitização. A isso se acrescenta o fato de que há a criação de novas profissões e cursos, cujos currículos, que priorizam funções técnicas, tendem a relegar cada vez mais a formação humana. A exemplo disso, Dias Sobrinho (2014, p. 651) nos explica que “a diversificação e a flexibilização de currículos e de modelos institucionais estão estreitamente relacionados com o princípio da liberdade da escolha do cliente, tão reverenciado pelo neoliberalismo”. Contudo, Paviani (1984, p. 103) reitera que “essa formação [humana] é absolutamente necessária para que o profissional se torne capaz de colocar a técnica a serviço dos homens, sem risco de usá-la contra os homens”.

Para Dias Sobrinho (2014), essas transições percebidas entre os modos de produção e uso dos conhecimentos: tanto afetam a estrutura da educação superior, instituindo uma nova racionalidade, quanto as IES agem como reprodutoras nesse processo. Assim, para o pesquisador, importa compreender o que se entende por universidade hoje.

Em termos mais claros, o que aqui prioritariamente se coloca em questão são as novas finalidades que hoje impendem à educação superior e que esta se impõe, tendo em vista sua função essencial de formadora de profissionais e cidadãos e a importância central do conhecimento para o desenvolvimento econômico e social. Capacitação profissional e fortalecimento da economia como fins em si mesmos ou fazendo parte da formação integral do cidadão e da construção da sociedade justa e democrática? (DIAS SOBRINHO, 2014, p. 646).

Na perspectiva do autor, as crises econômicas e políticas, assim como a mudança de valores e sentidos dos Estados, as transformações no mundo do trabalho e do sujeito atingem a educação, e de maneira especial a educação superior, que é afetada profundamente por possuir a responsabilidade de produzir, fomentar e disseminar técnicas, conhecimentos e habilidades úteis ao desenvolvimento das condições necessárias para a economia global. “Essa economia globalmente imposta se nutre da instrumentalidade do conhecimento e das competências técnicas a ele associadas e impõe à educação superior a incumbência de fortalecer o sistema produtivo e potencializar as riquezas econômicas” (DIAS SOBRINHO, 2014, p. 645). O autor ainda complementa “as transformações na cadeia da produção e distribuição do conhecimento se imbricam com os processos de mútua interferência das mudanças socioculturais, políticas e econômicas” (DIAS SOBRINHO, 2014, p. 650).

Conforme exposto, é inegável o poder que o capital exerce sobre a educação superior, desde uma mudança no foco quanto às suas finalidades, quanto em sua transformação em requisito necessário, mas não fundamental, para ingresso no mercado de trabalho. Embora a educação superior seja reconhecida como produtora de novos conhecimentos, ela também age como reprodutora dos valores capitalistas. Dessa forma, cabe àqueles que estão inseridos nesse contexto da educação superior pensar para além dos ditames do capital, num movimento oposto ao da reprodução, de forma a rearticular o debate em torno de uma educação superior que promova a emancipação política e como viés para a transformação social, no sentido da emancipação humana.

Educação para além do capital: relações possíveis

Vimos que o capital exerce uma força de indiscutível grandeza sobre a educação superior. Essa realidade não é só brasileira, é mundial, impulsionada pela globalização e internacionalização de valores. Sendo assim, nos cabe pensar em como é possível uma educação superior para superação do sistema. Contudo, uma outra reflexão emerge: é possível uma educação superior que supere o capital, no contexto que vivemos hoje?

Nessa reflexão, retomamos aqui a questão do trabalho como ato ontológico. Reiteramos que esta é uma categoria fundamental para que possamos compreender o papel que a educação exerce na vida dos homens, “isto porque o trabalho contém em si os elementos que fazem dele a mediação responsável pelo salto ontológico do ser natural para o ser social” (TONET, 2012, p. 15).

Nesse sentido, o papel da universidade é promover as condições necessárias à emancipação política, pois, conforme Marx (1991, p. 28), “não há dúvida que a emancipação ‘política’ representa um grande progresso”, contudo entendemos que essa não é a última etapa da emancipação humana. “Em geral, ela se caracteriza como a derradeira etapa da emancipação humana ‘dentro’ do contexto do mundo atual” (MARX, 1991, p. 28).

Assim, reavivamos a questão trazida no início deste item, também proposta por Catani (2011, p. 151): “como promover transformações estruturais na educação que se pratica nos países capitalistas, se não houver o rompimento com a lógica do capital?”. Essa questão é importante para a reflexão sobre a educação superior nos tempos atuais.

Mészáros (2008) explica que os processos educacionais estão ligados aos processos sociais mais abrangentes. Dessa forma, para o autor, não é possível encontrar soluções formais nesse contexto, onde a educação age como sistema de internacionalização de valores e que ordena uma determinada concepção de mundo. Para Mészáros as soluções devem ser essenciais. Complementando, Catani (2011, p. 155) afirma que Mészáros “só vê sentido em uma mudança educacional radical, que viria a se constituir no rasgar da camisa de força da lógica presente no sistema capitalista”.

Entendemos, então, que os princípios orientadores da educação formal devem ter rompidas suas ligações com o capital, pois a educação não pode realizar suas intenções emancipadoras atendendo a lógica capitalista, afinal, como aponta Mészáros (2008, p. 27) “o capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente incorrigível”. Catani (2011, p. 155) explica que não se pode mais tolerar o discurso educacional que rejeita mudanças estruturais, pois “a educação é a ‘própria vida’; ela não deve qualificar para o mercado, mas para a vida”. Portanto, não é possível que haja transformação social qualitativa se o sistema educacional permanecer às margens do capital.

Do mesmo modo, contudo, procurar margens de *reforma sistêmica* na própria estrutura do sistema do capital é uma *contradição em termos*. É por isso que é necessário *romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente (MÉSZÁROS, 2008, p. 27).

Mészáros (2008) argumenta que a educação não é a força ideológica primária que consolida o capitalismo, assim como ela por si só não é capaz de romper com os ditames do sistema promovendo uma

emancipação radical. Para o autor, o papel da educação é produzir tanto consenso quanto for capaz, agindo por meio de seus limites institucionalizados.

Contudo, de maneira diversa de outras instâncias a educação superior continua com a responsabilidade de reorganizar e produzir novos conhecimentos, “isso é importante não só para organizar as aprendizagens, mas, também, para alavancar o desenvolvimento e abrir novas fronteiras dos conhecimentos” (DIAS SOBRINHO, 2014, p. 656). Nessa perspectiva, as questões concretas não devem se configurar em barreiras que impeçam a educação superior de redimensionar o universal, que ofusquem os enfoques totalizantes e complexos sobre os problemas globais.

Partindo desse pressuposto, é importante salientar que a educação superior, mais especificamente a universidade, no contexto atual agrega as melhores condições (estruturais e humanas) para estabelecer a crítica sobre a sociedade e sobre os processos sociais. Pois, quanto mais a universidade se torna capaz de cumprir eficazmente essas funções e quanto mais ela consegue construir uma unidade “dos diferentes saberes com fundamentação científica e acuidade crítica, mais a universidade se fortalece como instituição social encarregada de formar as pessoas para compreenderem a complexidade do mundo em que vivem” (DIAS SOBRINHO, 2014, p. 656).

No entanto, devemos ter a clareza de que esse papel fundamental de mediação que a educação superior pode exercer na transformação da realidade depende da tomada de consciência sobre suas finalidades por parte dos sujeitos envolvidos. É preciso estar atento ao fato de que o capital tende a manter a ordem como está, pois seria ingenuidade esperar que o sistema capitalista propusesse a tomada de consciência por parte da classe trabalhadora, em detrimento dos dominantes (MÉSZÁROS, 2008). Dessa postura crítica, de reconhecimento das contradições, dependem as mudanças essenciais para que a educação não permaneça remediando os efeitos do capital e atue num sentido de transformação.

No entanto, na busca por uma educação para além do capital o próprio Mészáros alerta que temos que enfrentar uma tarefa histórica muito maior que a negação do capitalismo. Para o pensador é fundamental pensar na concretude do conceito *pala além do capital*, pois “ela tem em vista a realização de uma ordem social metabólica que *sustente concretamente a si própria*, sem nenhuma referência autojustificativa para os males do capitalismo” (MÉSZÁROS, 2008, p. 62).

Refletindo para concluir

A complexa relação em que se dá a educação superior no sistema capitalista abarca inúmeras discussões, diversos embates e muitas possibilidades de reflexão para a tomada de consciência dos sujeitos.

Pensemos o trabalho enquanto categoria fundante, que está para o desenvolvimento humano além da satisfação das necessidades, mas como atividade que impulsiona a humanidade, que potencializa a sociabilidade, a ação humana que transforma a natureza e a realidade. Nesse mesmo sentido, a educação superior é o espaço onde culmina todo o conhecimento produzido historicamente, onde a ciência é difundida em sua essência e novos conhecimentos são construídos, onde os homens tem a possibilidade de potencializar suas descobertas e melhorar as condições de existência. Isso mostra que a educação se

configura como um eixo estruturante da existência humana, sendo a educação superior uma articulação entre os conhecimentos produzidos e a formação humana para o mundo do trabalho, de forma a garantir a melhoria das condições de existência.

Num outro sentido, encontramos mais um ponto de intersecção entre trabalho e educação superior, desta vez no amago da sociedade capitalista, que é o aumento da produtividade. Tanto no mundo do trabalho quanto na academia nos vemos cerceados pelo sistema, pela superprodução como índice de qualidade, pela adaptabilidade do homem aos ditames do mercado como característica do profissional de sucesso. Hoje a educação superior é vista como mercadoria a ser adquirida para virar moeda de troca em busca de melhores condições de trabalho. Contudo, assim como no mercado o excesso de produto altera as leis, ou seja, a proliferação da educação superior faz com que o mercado institua novas formas de classificação e seleção, tanto de profissionais formados por estas instituições, dos profissionais que atuam no ensino superior quanto das próprias instituições que oferecem esse nível de ensino.

No entanto, ainda é possível pensar a educação superior como uma possibilidade para superação das relações de dominação do homem pelo homem. a tomada de consciência de que a educação é um caminho necessário para a emancipação humana coloca os processos educacionais em destaque na transformação desta em uma sociedade justa e igualitária. Sendo assim, acreditamos que a educação superior agrega condições para o reconhecimento das contradições, sendo que os sujeitos podem através dela promover condições para superação de muitos dos processos dicotômicos da sociedade.

Referências

- CATANI, A. M. Considerações sobre educação a partir das concepções de István Mészáros. In: JINKINGS, I.; NOBILE, R. **Mészáros e os desafios do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 151-158.
- DIAS SOBRINHO, J. Universidade e novos modos de produção, circulação e aplicação do conhecimento. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 643-662, nov. 2014.
- LEHER, R. Desafios para uma educação além do capital. In: JINKINGS, I.; NOBILE, R. **Mészáros e os desafios do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 159-168.
- LESSA, S. A centralidade ontológica do trabalho em Lukács. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 52, p. 7-23, dez. 1996.
- MARX, K. **A questão judaica**. São Paulo: Moraes, 1991.
- MARX, K. **O capital**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.
- MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- PAVIANI, J. **A universidade em debate**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1984.
- PECIAR, P. L. R. A educação superior universitária frente aos desafios das mudanças do mundo do trabalho no contexto do neoliberalismo. **Reflexão e ação**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 2, p. 9-25, 2009.

SILVA JÚNIOR, ; PIMENTA, A. V. Capitalismo, trabalho e educação: o caso das instituições federais de educação superior. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 28-41, dez. 2014.

TONET, I. **Educação contra o capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

TUMOLO, P. S. O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.26, n. 90, p. 239-265, Abr. 2005.

Notas:

¹ Pedagoga, Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, membro do Grupo de Pesquisa “Observatório e Pesquisa das Políticas de Avaliação da Educação Superior” | POW1 e Pesquisadora da Rede Universitas/Br. E-mail: andrelizacsouza@gmail.com

Recebido em: 19/05/2016

Publicado em: 08/2016